



O QUE É DITO SOBRE OS SUJEITOS QUE ESCAPAM À NORMA NA ESCOLA

QUÉ ES DICHO SOBRE LOS SUJETOS QUE ESCAPEN A LA NORMA EN LA ESCUELA

WHAT IS SAID ABOUT THE SUBJECTS WHO ESCAPE THE NORM IN THE SCHOOL

Aline Giorgis Santos Simões¹

Dulce Mari Silva Voss²

RESUMO

Esse estudo origina-se de uma pesquisa bibliográfica de textos publicados no Portal da Associação Nacional de Pesquisadores da Educação (ANPED) pelo Grupo de Trabalho Gênero, Sexualidade e Educação (GT23) acerca da produção discursiva de identidades sexuais que escapam ao padrão heteronormativo no ambiente escolar. Adota-se a análise de discurso com base nas teorias foucaultianas, abordando as inter-relações da sexualidade com as políticas de identidade e a educação no sentido de descrever e analisar os modos como são produzidas identidades sexuais desviantes. Os textos indicam que a presença de professoras trans e os movimentos sociais constituem-se em forças de resistência que desestabilizam os discursos heteronormativos presentes nos currículos e nas relações no interior das instituições escolares, o que demonstra a impossibilidade de negar a pluralidade sexual na contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVE: Sexualidades. Educação. Discursos. Identidades.

RESUMEN

Este estudio se origina de una investigación bibliográfica de textos publicados en el Portal de la Asociación Nacional de Investigadores de la Educación (ANPED) por el Grupo de Trabajo Género, Sexualidad y Educación (GT23) sobre la producción discursiva de identidades sexuales que escapan al patrón heteronormativo en el ambiente escolar. Se adopta el análisis de discurso basado en las teorías foucaultianas, abordando las interrelaciones de la sexualidad con las políticas de identidad y la educación en el sentido de describir y analizar los modos como se producen identidades sexuales desviantes. Los textos indican que la presencia de profesoras trans y los movimientos sociales se constituyen en fuerzas de resistencia que desestabilizan los discursos heteronormativos presentes en los currículos y en las relaciones dentro de las instituciones escolares, lo que demuestra la imposibilidad de negar la pluralidad sexual en la contemporaneidad.

¹ Especialista em Educação e Diversidade Cultural. Universidade Federal do Pampa, Bagé, RS, Brasil.

² Doutora em Educação. Universidade Federal do Pampa, Bagé, RS, Brasil.

PALABRAS-CLAVE: Sexualidades. Educacion. Discursos. Identidades.

ABSTRACT

This study originates from a bibliographical research of texts published in the Portal of the National Association of Researchers of Education (ANPED) by the Working Group on Gender, Sexuality and Education (GT23) about discursive production takes place around sexual identities that escape the heteronormative pattern in the school. Discourse analysis based on Foucaultian theories was adopted, addressing the interrelationships of sexuality with identity and education policies in the sense of describing and analyzing how they are produced deviant sexual identities. The texts indicate that the presence of trans teachers and social movements constitute resistance forces that destabilize the heteronormative discourse in the curricula and relations within school institutions, which demonstrates the impossibility of denying sexual plurality in contemporary times.

Keywords: Sexualities. Education. Speeches. Identities.

* * *

Introdução

O estudo que aqui se apresenta resultou de uma pesquisa bibliográfica cujo foco da análise foram discursos acerca de sexualidades que circulam nas produções científicas da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) por meio de textos publicados pelo Grupo de Trabalho Gênero, Sexualidade e Educação (GT23).

Fundada em 16 de Março de 1978, a ANPEd promove reuniões nacionais e regionais, construindo um espaço permanente de debate e aperfeiçoamento para educadores/as e pesquisadores/as da área da educação. Os textos publicados pela ANPEd através do GT23, criado em 2003, durante a 36ª reunião nacional da entidade, é um dos campos profícuos para estudos e pesquisas em torno da temática sexualidade.

Optou-se por estudar oito trabalhos apresentados em reuniões nacionais da ANPEd e publicados pelo GT23, no período de 2003 a 2015, com o objetivo de compreender como se dá a produção discursiva em torno de identidades sexuais que escapam ao padrão heteronormativo no ambiente escolar. A escolha pela categoria artigo, dentre as demais formas de publicação (pôsteres e relatórios) do Grupo de Trabalho, deu-se por julgar que essa modalidade seria mais completa em termos de referencial teórico, o que traria elementos mais substanciais para a análise. A seleção dos textos foi feita pelo critério do foco da temática da sexualidade em pesquisas que ocorreram em contextos escolares, envolvendo docentes e/ou discentes.

Na análise das oito produções científico-acadêmicas do GT23 buscou-se compreender os regimes de verdade³ produzidos acerca de identidades sexuais desviantes do padrão heteronormativo e os modos como as relações de poder e saber acontecem nos ambientes escolares, identificando as regularidades discursivas em termos de enunciados que aparecem e se repetem nos discursos dos autores/as.

Portanto, nesse estudo a análise está centrada em práticas discursivas (o dito que constitui um conjunto de enunciados acerca da sexualidade, produzindo identidades sexuais) e não-discursivas (as relações de poder e saber e os regimes de verdade que posicionam os sujeitos desviantes nas escolas e outros espaços educativos que foram campo de pesquisa das produções científico-acadêmicas do GT23), pois, conforme aponta Louro (2003, p. 47), “[...] os discursos traduzem-se fundamentalmente, em hierarquias que são atribuídas aos sujeitos e que são, muitas vezes, assumidas pelos próprios sujeitos”.

Desse modo, as teorias foucaultianas convidam a observar o que é dito, descrever práticas discursivas e não-discursivas em torno de um certo objeto ou tema, investigando e expondo espaços não óbvios, vazios que se localizam em torno dos discursos que, numa certa época histórica, produzem determinados regimes de verdades (FISCHER, 2003).

Foucault (1986, p. 146) escreve que: “[...] o discurso não tem apenas um sentido ou uma verdade, mas uma história”. O discurso tem suas regras de aparecimento e jamais se desvincula de jogos de poder, bem como, não se separa das técnicas e efeitos que as práticas discursivas operam sobre o sujeito. Portanto, o discurso é uma instância que produz os objetos dos quais ele mesmo fala.

Quanto à sexualidade, Foucault (1984) anuncia tratar-se de uma invenção histórica criada no século XIX, ou seja, um produto histórico de discursos que se engendram de muitas formas por meio das relações cotidianas da vida social e cultural que regulam, normalizam e produzem “verdades” e que levam os indivíduos a se reconhecerem como sujeitos de uma dada sexualidade, normalizada ou transgressora dos padrões instituídos.

Logo, as produções discursivas referentes às subjetividades sexuais e engendradas nos currículos e ambientes das escolas presentes nas produções científico-

³ Segundo Foucault (1986) os discursos são formados por um conjunto de enunciados que se apresentam de forma regular ou descontínua e acabam por estabelecer certos regimes de verdade, ou seja, alguns discursos são considerados verdadeiros pelo modo como regulam as relações de poder e saber produzidas entre os grupos e os sujeitos que interagem em determinadas sociedades e culturas.

acadêmicas do GT23 compuseram o itinerário da pesquisa cujas análises na linha foucaultiana são apresentadas a seguir.

Discursos do GT23: identidades sexuais desviantes no contexto escolar

Abordagens críticas e desestabilizadoras da sexualidade heteronormativa e de posições fixas de gênero nos currículos e nos espaços de atuação da docência aparecem nos textos do GT23. Os autores/as estudados apontam que práticas e dispositivos de governo das condutas são engendrados por meio da disciplina e do controle na vida social e escolar. Como diz Santos (2013), a escola contemporânea age como empreendimento biopolítico que constrói redes de poder e saber, gerenciando e capturando corpos corporificados em posições binárias – masculino ou feminino.

O estudo feito por Altmann (2003) também aponta para o empreendimento biopolítico de governo das condutas juvenis mediante o controle das estatísticas de gravidez na adolescência. Diz a autora que, a intensa ação do discurso pedagógico nessa temática surge como um espaço privilegiado para o desenvolvimento do biopoder, pois a escola é convocada a intervir sobre a sexualidade adolescente, na vida dos corpos e na vida da espécie, na saúde individual e coletiva. Assim, os currículos constituem-se como dispositivos de produção discursiva de relações de poder e saber que fixam identidades sexuais binárias.

Dal’Igna (2007) trabalha em seu texto a produção de discursos binários por meio de processos que normatizam o desempenho escolar, observando o que pode ou não ser dito em relação aos gêneros masculino e feminino. Contudo, os discursos e as relações de poder e saber que se configuram no âmbito da produção curricular e das práticas pedagógicas não acontecem sem resistências. No contexto das escolas emergem discursos transgressores da norma instituída.

Logo, o binarismo de gênero é um dos enunciados que aparece nos discursos dos/as autores/as de modo regular e mostram que, nos contextos pesquisados, a definição de identidades fechadas e estáveis nomeadas pelo fator biológico torna-se regime de verdade.

Porém, as justificativas para as desigualdades de gênero precisariam ser buscadas não nas diferenças biológicas, mas nos arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representação. Isso exige reconhecer que as sexualidades são construídas pelos diferentes modos como

nomeamos homens e mulheres, as formas como essas identidades são representadas ou valorizadas. Aquilo que se diz ou se pensa sobre elas é que vai constituir o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico.

Louro (1997) observa que as concepções de gênero diferem não apenas entre as sociedades ou os momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classe) que a constituem; os sujeitos podem exercer sua sexualidade de diferentes formas, eles podem viver seus desejos e prazeres corporais de muitos modos. Sujeitos masculinos ou femininos podem ser heterossexuais, homossexuais, bissexuais, bissexuais, transsexuais. O que importa é que, tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade, as identidades são sempre construídas, elas não são dadas ou acabadas, estão sempre se constituindo, são instáveis e passíveis de transformação.

É o que mostram os estudos feitos por Franco e Cicillini (2013) e Torres (2013), a partir de pesquisas com professoras que se auto-identificaram como transsexuais e travestis, as quais ressaltam a vulnerabilidade vivenciada por pessoas *trans* na escola como uma situação de exclusão que assume dimensões bem mais representativas comparadas às vivenciadas por gays, lésbicas e bissexuais, alertando sobre a necessidade de uma discussão mais efetiva da transfobia no contexto escolar.

De acordo com os autores, na maioria das vezes, a escola é um dos principais desencadeadores dos processos de exclusão expressos por uma violência velada ou anunciada, destacando que a violência anunciada, se consagra em outra forma de violência, a violência materializada, que incide diretamente na possibilidade de prejuízo e/ou violação física por parte da pessoa exposta. Dizem os autores que apesar dos diversos obstáculos enfrentados nas trajetórias escolares pelas professoras pesquisadas, sobressaem-se histórias de êxito e reconhecimento profissional (FRANCO; CICILLINI, 2013).

Segundo Torres (2013), travestis, transsexuais, lésbicas, *crossdressers*⁴, *drags*, surgem como demandas de sujeitos que reivindicam para si o status de “humanos” e denunciam as hierarquias sociais que regulam as relações interpessoais e as políticas públicas como lesbofobia, transfobia, homofobia, entre outros, observados no Plano

⁴ Termo usado para se referir a homens heterossexuais, geralmente casados, que não buscam reconhecimento e tratamento de gênero e que se satisfazem emocional ou sexualmente vestindo-se como mulheres.

Nacional de Promoção da Cidadania e dos Direitos Humanos de LGBT (BRASIL, 2009).

Torres (2013) fortalece no seu discurso as reivindicações de professoras travestis e transexuais, que constituem suas identidades *trans* na luta materializada na Rede Trans Educ pelas políticas de direitos humanos, o que, segundo ele, poderá aumentar a tensão nas dinâmicas relacionais da escola, ao visibilizar denúncias que revelem tanto o controle violento da heteronormatividade como a contingência do gênero normativo.

Em seu discurso, Santos (2013) também salienta o advento do “sujeito de direitos”, mediante as manifestações e a organização de pessoas fora da norma heterossexual na luta pelo acesso às políticas públicas. Como no caso da realização da I Conferência Nacional LGBT, em 2008, movimento social de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais que reivindicava a utilização do nome social nos registros escolares de travestis e transexuais como uma estratégia de reconhecimento das diferentes identidades sexuais nos espaços escolares. O autor considera que a articulação da Rede Trans Educ possui relações com a produção de discursos em que articulam possibilidades de reconhecimento das travestilidades e transexualidades, o que pode se tornar bastante significativo por inserir outras discussões nos espaços escolares também pertinentes as travestis e as/aos transexuais.

Os discursos dos/as autores/as aqui analisados indicam que o movimento LGBT incide sobre a escola e provoca uma desestabilização nas relações de poder e saber normalizadoras, forçando a refletir sobre os discursos que produziram vários sujeitos “anormais”, como o discurso médico-psicológico e seus efeitos de patologização sobre as experiências sexuais.

Portanto, por mais que se pretenda apagar as diferenças, propagando a exclusão e a violência no cotidiano escolar, a diversidade sexual provoca estranhamentos e tensões e essas experiências desafiam, desestabilizam e subvertem a heteronormatividade e o binarismo de gênero. Conforme Arendt (1987), Veiga-Neto (2007) e Silva (2007), a escola é desafiada a pensar a diferença, a multiplicidade e a alteridade.

Por mais que as escolas e os currículos neguem a pluralidade cultural, mantendo um discurso normalizador e regulador das diferentes identidades e condutas sexuais, elas estão presentes nos ambientes educacionais e nos movimentos sociais.

Essa presença e os processos de luta e resistência deflagrados pelos desviantes impedem a manutenção de uma ordem estabilizadora heteronormativa.

Considerações finais

Na análise feita, ficou claro que a presença dos sujeitos trans e os movimentos sociais que lutam pelos direitos sociais de mulheres e grupos LGBT resistem ao padrão heteronormativo e a disciplina instituída nas escolas e nos currículos. Os discursos que circulam na sociedade através das produções científico-acadêmicas do GT23 da ANPED mostram que as práticas discursivas estabelecem posições e produzem subjetividades desviantes nos contextos escolares que desestabilizam a ordem instituída e o preconceito frente à diversidade sexual.

O que parece, no entanto, é que os currículos movimentam-se com lentidão no que tange a diversidade de gênero e sexualidade, pois, ainda persiste a concepção do corpo e de sexo como dispositivos biológicos que interditam os diferentes desejos e afetos vividos pelos sujeitos que escapam aos códigos normativos.

Por isso, a relevância de fazer proliferar esses discursos não só na comunidade acadêmica mas nas demais instituições e grupos sociais. É preciso, cada vez mais, ampliar os espaços de produção discursiva e o debate, ferramentas poderosas para provocar as mudanças sociais e culturais necessárias e urgentes quanto à pluralidade cultural.

Referências

ALTMANN, Helena. A sexualidade adolescente como foco de investimento político-educacional. *27ª Reunião Nacional da ANPEd – 21 a 24 de novembro de 2003*, Caxambú, MG, 2003. Disponível em: <http://27reuniao.anped.org.br/ge23/t235.pdf>. Acesso em: 12 de julho de 2016.

ARENDDT, Hannah. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 1987.

BRASIL. Secretaria Especial de Direitos Humanos. *Plano Nacional de Promoção da Cidadania e dos Direitos Humanos LGBT*. Brasília, 2009.

DAL'IGNA, Maria Cláudia. Gênero, sexualidade e desempenho escolar: modos de significar os comportamentos de meninos e meninas. *30ª Reunião Nacional da ANPEd – 07 a 10 de outubro de 2007*, Caxambu, MG, 2007. Disponível em:

<http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt23-3467-int.pdf>. Acesso em: 12 de julho de 2016.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault revoluciona a pesquisa em educação. *PERSPECTIVA*, Florianópolis, v. 21, n. 02, p. 371-389, jul./dez. 2003. Disponível em: [file:///C:/Users/user/Downloads/9717-29081-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/user/Downloads/9717-29081-1-PB%20(1).pdf). Acesso em: 05 de março de 2016.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

_____. *História da Sexualidade II: o uso dos prazeres*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FRANCO, Neil; CICILLINI, Graça Aparecida. Professoras travestis e transexuais brasileiras e seu processo de escolarização: caminhos percorridos e obstáculos enfrentados. *36ª Reunião Nacional da ANPEd – 29 de setembro a 02 de outubro de 2013, Goiânia, GO, 2013*. Disponível em: http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt23_3241_texto.pdf. Acesso em: 12 de julho de 2016.

LOURO. Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

_____. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na Educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

SANTOS, Dayana B. C. dos. A escola como empreendimento biopolítico de governo dos corpos e subjetividades transexuais. *36ª Reunião Nacional da ANPEd – 29 de setembro a 02 de outubro de 2013, Goiânia-GO, 2013*. Disponível em: http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt23_3181_texto.pdf. Acesso em: 12 de julho de 2016.

SILVA, Mirian Pacheco. *Quando o estranho é o professor: narrativas sobre sexualidade e o currículo de formação de professores*. *30ª Reunião Nacional da ANPEd – 07 a 10 de outubro de 2007, Caxambu, MG, 2007*. Disponível em: <http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt23-3718-int.pdf>. Acesso em: 05 de março de 2016.

TORRES, Marco Antonio. *Docência, transexualidades e travestilidades: a emergência rede trans Educ Brasil*. *36ª Reunião Nacional da ANPEd – 29 de setembro a 02 de outubro de 2013, Goiânia-GO, 2013*. Disponível em: http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt23_3241_texto.pdf. Acesso em: 12 de julho de 2016.

VEIGA-NETO, Alfredo. As duas faces da moeda: heterotopias e emplazamientos curriculares. *Educação em Revista*. Belo Horizonte. v. 45. p. 249-264, jun. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/edur/n45/a13n45.pdf>. Acesso em: 02 de junho de 2016.

Recebido em Outubro de 2018.

Aprovado em Janeiro de 2019.